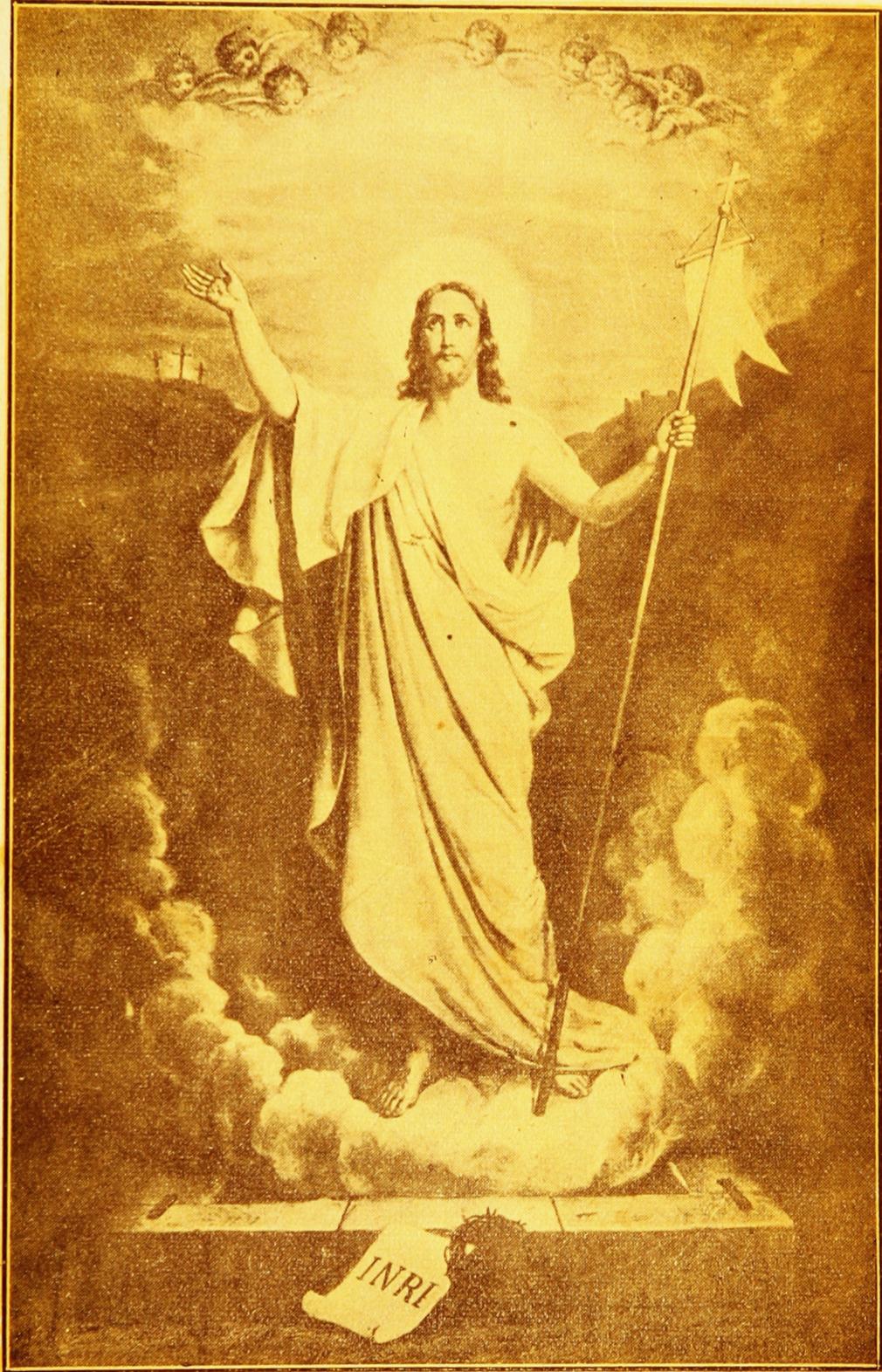
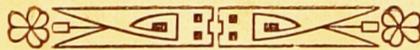




ILLUSTRACÃO CATHOLICA



Jesus Cristo Resuscitado



Braga, 7 de Abril de 1928

NUMERO 318 — ANO VII

Composta e impressa na tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade
em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando
dos processos mais modernos, presta-se a sa-
tisfazer qualquer encomenda para tingir quais-
quer objectos proprios para Igreja, tais como,
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

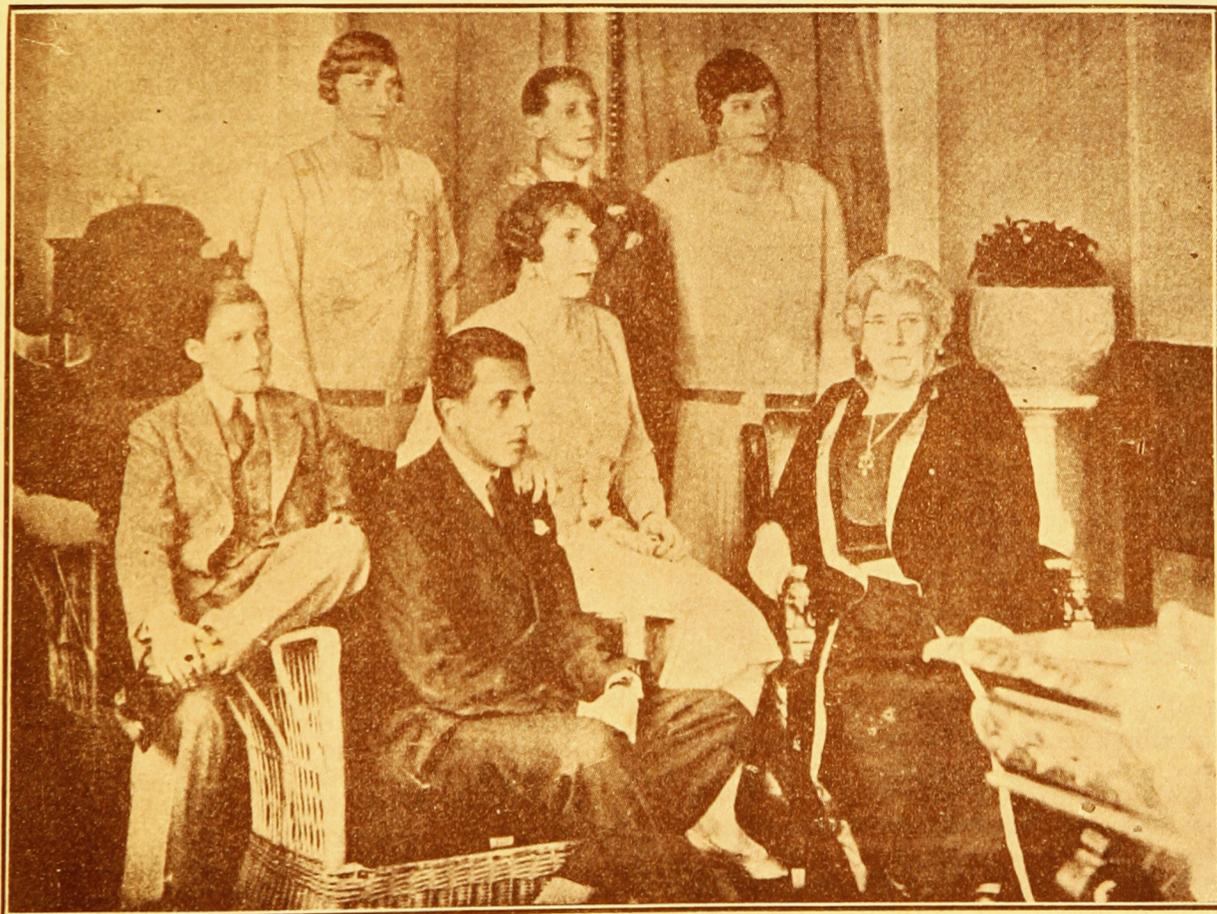
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 7 de Abril de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 318



A Rainha Victoria de Espanha com sua mãe a Princesa de Battemberg e seus filhos o Principe e infantes de Espanha fotografaram-se há dias em Malaga onde se reuniram.

Felizes Festas!

ALELUIA.

Falemos judeu, ou hebraico se quiserem, uma vez na vida, sem risco de nos chamarem nomes feios os anti-semitas numa explosão de odio secular, inveterado e hereditario.

Aleluia! A palavra é hebraica de origem, provinda de *Hallel* que significa louvor e uma contração do nome inefavel de Deus, *Iahveh*, contraído em dativo: *Uiah*. Louvores a Deus: — *Halleluiah!* E porque?

Não ha povo algum civilizado que não tenha como de festa estes dias sacrossantos da Pascoa. Ainda em plena republica sovietica os superviventes de uma civilização secularmente cristã, embora scismaticamente afastados da unidade catolica, saudam-se, beijando-se ao costume moscovita, com os cumprimentos pascais: — O Senhor, verdadeiramente, ressuscitou.



PRADO (Braga) — Capela do Bom Sucesso.

A Europa germanica e latina, troca, nestes dias festivos, saudações e amendoas. Dons simples, traduzindo amizade, carinho, espírito fraternal. Com a Igreja passou aos costumes sociais este ar de festa que impregna os costumes. O Senhor ressuscitou. Alegremo-nos e jubilemos no seu dia grande. *Haec est dies.*

E ao doce anuncio do festivo dia pascal, não só as almas vibravam cheias de emoção, mas até os mais graves espíritos se permitiam o recreio e o prazer de festa e descanso e gozo corporal. Regressado da basilica onde celebrara os sagrados mistérios, o Papa, o Senhor Apostolico dos antigos textos, conservado o epiteto ainda hoje na prece litânica, recebia o pessoal do patriarquo romano no triclinio leonino e servia-lhes tres taças de vinhos delicados, grego, de procoma, e de pactis, com alguns bolos e fructas, iniciando-se deste modo, ao carinho da liturgia, ao amparo e à sombra da liturgia, o plano de festa social que a Pascoa havia de ser por todo o mundo civilizado, e até gerando-se, ao som de carmes litúrgicos, o tipo do convívio social, dos copos-de-agua festivos.

Aleluia.

Tem o mundo razão para considerar de festa este tempo pascal, porque a Ressurreição de Cristo que nele celebramos, marca o principio da nossa resurreição — *mortem nostram moriendo destruxit et vitam resurgendo reparavit*, — é a fonte inexgotavel da nossa vida, a sumula da nossa salvação.

Cristo não procedeu de um modo individual, mas como chefe e cabeça da humanidade remida nele, e por Ele. Sacrificio grande, incomparavel, só possivel à natureza teandrica de Cristo, mas que sendo o penhor da nossa salvação é um convite à nossa imitação porque importa absolutamente que compreendendo esta nossa solidariedade com Jesus, vivamos da sua vida e compreendamos que somos uma particula vital do Cristo místico, que é cada um de nós um outro cristo, reflexo do Cristo do Calvario e do Sepulcro, que é o Cristo da Resurreição. Cristo morreu, e com ele nós morremos para o pecado pelo Batismo; Cristo ressuscitou: assim importa que ressuscitemos com Cristo para a graça. *Vivo ego sed non ego; vivit vero in me Christus.*

A impossibilidade de atingirmos esta vida sobrenatural por nossas proprias forças, bem a sentimos nós, infelizmente; tanto mais resplende a infinita graça e misericordia do Senhor. Tanto mais é illustre e preclara a sua Pascoa. Louvores a Ele! Aleluia!

Razão tinha Venancio Fortunato ao fazer brotar da sua lira aquele delicado *Salve dies festo* em que a ingenua e suave musa cristã, se apresenta magnifica; razão tinha Sedulio ao metrificar os seus carmes pascais, em honra do sangue precioso que enrubescer os lábios dos cristãos, e vence o tartaro; razão tambem tinham os poetas dos primeiros séculos litúrgicos que elaboraram para o convívio do triclinio leonino os formosos versos gregos que cantam a santa Pascoa, a Pascoa mística, a grande Pascoa.

A Pascoa cristã é um simbolo de paz, de fraternidade, de concordia, de união; essa união só é possivel na união do místico redil de Cristo. Os protestantes tendo scindido a túnica inconsutil, amesquinham o significado da nossa Pascoa. Abandonando a liturgia, abandonaram a Igreja. A sua ceia, mera recordação, não tem como o nosso Sacramento Pascal, a virtude de conter a Vítima divina. Daí o anseio com que os protestantes ingleses se aproximam da liturgia, e pretendem reformar, num sentido de paralelismo comnosco, o seu *Prayer book*. E' que a verdade atrai, naturalmente. Oh! que eles venham depressa, trazidos pela liturgia ao regaço da Igreja, e que possam como nós e os nossos e seus antepassados dizer aquela invocação do já citado carme litúrgico-convival da musa grega: Proteje, ó Cristo, o Papa de Roma!

E' uma festa de união e de concordia a Pascoa cristã. A oração da Igreja o exprime numa frase lapidar, como todas as concisas e profundissimas do aureo periodo da liturgia: uniu-nos o mesmo Sacramento pascal que nos saciou; saciados por ele que a vossa piedade nos faça concordes: *ut quos Sacramenta paschalia satiasti, tua facias pietate concordes*. Nesses sentimentos de concordia e união, tenham os nossos leitores festas felizes!



A eleição presidencial, últimamente realisa-
da tem um duplo significado político.

As urnas, que foram abundantemente concorridas, não consagraram um homem, robusteceram, consolidaram os princípios que esse homem representa.

E' a segunda vez que o chefe de Estado é eleito, em Portugal, pelo sufrágio directo, mas nas últimas eleições efectuadas, em pleno sidonismo, o país apenas elegeu o homem, que pela sua galharda elegância, pela sua bravura pessoal o conquistara; mas o primeiro sicário logo destruiu a sua obra, diluiu a sua doutrina, porque Sidónio foi alguém: o sidonismo foi apenas uma bola de fumo.

O sr. General Carmona, que tem evidentemente gerais simpatias, não foi eleito por idênticas razões.

O malogrado Sidónio Pais emprestava força à situação que vivia somente da sua força e do seu prestígio; o sr. General Carmona impõe-se ao país, além de muitas e apreciáveis qualidades pessoais — pela obra nacional que representa, pela força e pelo prestígio que uma situação nacional lhe presta.

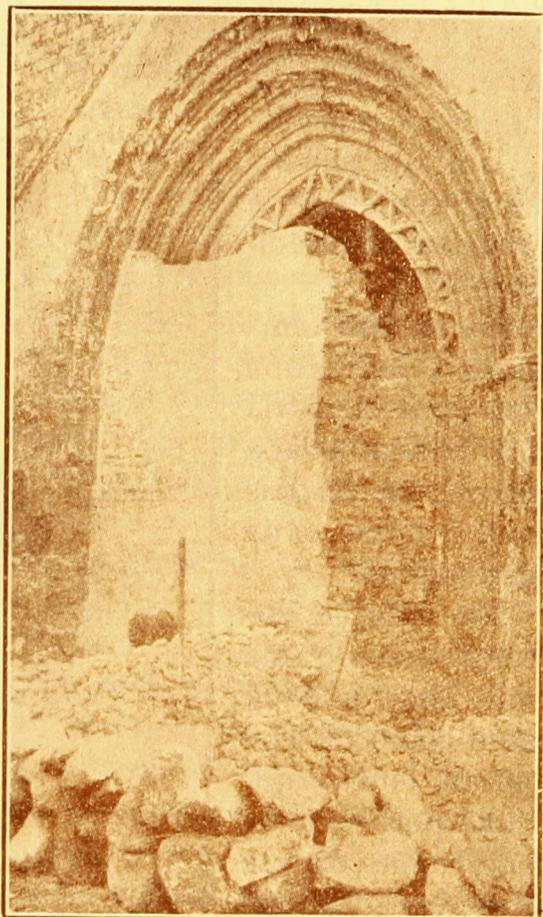
O país elegendo-o, e Sua Ex.^a nobremente o reconheceu já, não consagrou o homem mas solenemente exprimiu o seu apoio à situação.

O movimento do 28 de Maio que determinou o estado político em que vivemos, foi mais do que um acto de força do exército finalmente possuído dum alta ideia redentora, um golpe do país contra as clientelas políticas, que em 17 anos incertos de desvairamento, de prodigalidade, de venalidade e de latrocínio, esbanjaram o crédito do Estado, perturbaram a vida económica da Nação, desbarataram, subverteram os haveres morais e materiais deste pobre país.

Foi um ponto final de moralidade sincera ao largo período de agitações e de loucuras em que vivemos até aí.

E' então que o exército surge numa heróica e patriótica atitude de salvação e de resgate. A sua obra perdurou porque os

seus efeitos começam a sentir-se no início dum política económica social que embora tardia nunca é de mais louvar. Acima de partidos, de *corrilos*, de facções, olhos postos nos altos destinos da nacionalidade, o exército desfraldou o seu pendão salvador.



CORDOVA — Um antigo portico que se descobriu entaipado num muro da Igreja de Santa Madalena.

E' uma obra profundamente nacional onde cabem todos os portugueses e foi essa obra que as urnas consagraram. Nas mãos honestas do sr. General Carmona está esse pendão de resgate, invencível, glorioso, a todos cobrindo, que não é, não será nunca, bandeirola de interesses. E' o guião dum raça que quer salvar-se, que ha-de salvar-se, porque os homens, que preconizam esses sagrados princípios, podem falhar, que a doutrina intangível, porque contem uma verdade suprema, ha-de vencer acima dos homens e debaixo de Deus.

José de FARIA MACHADO.

DOS SENHORIOS D'AFRICA...

Notas e impressões

Joaquim Vilela, ao reabrir as páginas desta revista, não quiz que ficasse no olvido, com aprazimento de variados néscios, o nome daquele que consigo a fez nascer e a manteve por largo período de anos, e veio, com amável convite, bater-me á porta e acordar a velha pena que focou, em apreciadas crónicas semanais, o decurso dos acontecimentos.

Ao mesmo tempo, a mala da Europa atirou para cima da minha banca pejada de processos, os dois primeiros números da « Ilustração ».

Na vida, e sobretudo quando ela já vai alta, a cada passo e como de surpresa um lance rápido, um perfil que aparece, uma voz que se abre, um gesto esboçado, um tom ou um recorte de horizonte, um facto, uma ocorrência, um papel, um quasi-nada, — acódem e põem-nos a lembrar os dias que escoaram, a remeditar naquilo que jámais ha-de voltar. Saúda-des? Rastros inapagáveis de desgostos? Essa repentina paragem, estacando-nos na corrida permite-nos recapitular, as valiosas lições da experiência, ou dá-nos o efeito e a impressão de um hausto de pulmões, ao ar puro e salubre dum viso de montanha.

Quási no crepúsculo da vida, Feijó

escreveu, em dois versos encantadores, que

*Não são os ânos que nos envelhecem,
São certas horas más, certos momentos...*

Essas horas, do recordar, são porém cheias de útil paz interior, mesmo quando a tristeza as ensombra, mesmo quando ainda dóem as feridas dos atrictos com certa espécie de quadrúpedes malignos de figura humana.

Ao repercorrer com a dupla vista dos olhos e do coração as páginas dos dois números da « Ilustração » que o correio me trouxe, reviví as horas dèsses seis anos — horas de recolhimento a cujo resoar fui anotando, nas escalas da jornada e em diária intimidade, as impressões e os pensamentos. Foram, ainda assim, das melhores que passei, nesse torvelinho de ingratas luctas a que a generosidade desinteressada e inexcedível do coração, animado pela crença religiosa,

me arrastou! Se não é amável e amargo o recordar!...

*

As terras sagradas das colónias, que não são mais do que as de um Portugal longínquo, fornecem-nos, sôbre os scenários mais distantes do passado e



DR. FRANCISCO VELOSO
Ilustre colaborador da Ilustração Catholica

sôbre os contemporâneos da Metrópole, prespectivas rigorosas de justa avaliação dos homens, das coisas e dos próprios actos.

Alguns ânos da escola colonial refazem em nós, por igual, as energias físicas, as fôrças do espírito e a estrutura moral.

A sensação benéfica da vida livre, da vida forte, as luctas em que o ganhão se conquista, dia-a-dia, a plena luz e em plena arêna, os costumes e as relações sociais sem convenções, o trabalho pulso a pulso, que a todos obriga e por isto mesmo não consente falsas distinções de classe nem videirices (porque cada colono vale por si); a permanente impressão de que cada um é portador das nobilitantes credenciais da Pátria, impressão viva, como a do sangue, que a ausência não deixa esmorecer — são as características virtudes da vida colonial que nos habilitam a revêr o passado a apreciar com justiça o presente e a divisar sem êrro notável o futuro.

Psicari tinha rasão ao bradar: « Que não venham para a Africa os requintados! Que aqueles a quem os sentimentos rudes aterram, a quem as simplicidades do coração melindram, deixem para sempre a terra da fôrça e da virtude! Que todos os hesitantes, os que tremem ante uma verdade forte, não venham tomar o duro alimento africano! Em Africa é preciso um olhar firme para o caminho, um olhar puro, recto, um olhar novo, cheio de claridade e de franquês! »

Os homens que conseguiram manter e aperfeiçoar nas colónias estas qualidades de escola, estas virtudes de pensamento e acção, atingem uma estatura mais elevada que o comum dos seus patrícios, na terra metropolitana da sua pátria. João Belo (hei-de falar dele) foi últimamente um exêmplo saliente desses triunfos.

Não haja, porém, ilusões sôbre o



VIZEU — Queda no Rio Paiva

(Fot. Alipio Vicente)

esfôrço constante que êles demandam.

Como em tôdas as escolas da vida, êsse esfôrço reclama em primeiro lugar uma vigilância moral intensa sôbre a cultura das virtudes coloniais. E' que, como alguém observou um dia, ao lado de cada verdade há sempre um êrro que a contrasta, como a ganga ao metal puro.

Permanentemente, as virtudes da escola colonial teem a espreitá-las o demónio verde do *cafard*, e é impossível salvá-las sem o vencer por completo.

Num tomo da Revista de psicologia e antropologia criminal francesa, de cuja numeração e data me não lembro agora, que o dr. Oliveira Machado (uma das nossas maiores proficiências em medicina tropical) me facultou ha anos em Angola, li eu um curiosíssimo e bem alicerçado estudo sôbre a *colonite*, nome europeu desse *cafard* que é assinalado por uma espécie de cansado desgosto esgotante, a um tempo moral e físico, deflagrando roasmente, no domínio poliforme das psicoses, sôbre o terreno fácil da tensão exhaustiva que opprime e tantas vezes víctima os que veem à labuta sob os duros climas tropicais.

Rebuscando os sinais desse mal, pavoroso como um pesadelo obsidiante, ou como o contágio lentamente progressivo de mortífera peste, os médicos e antropologistas franceses e inglezes puderam recolhe-los e cepilhá-los na vasta seára dos depoimentos de militares e civis, em serviço nas colónias —



VIZEU — O sr. Aspirante Rebelo discursa aos Recrutas de Infantaria
14 no dia do Juramento de Bandeira

(Fot. Alipio Vicente)

desde as praias argelinas até ao seio do Barotze. São principalmente o acirramento enervado que gera os pèssimos torvos ou as vesânias da perseguição, a indisciplinada tendencia para transformar a liberdade de relações em relaxe de costumes, tudo isto agravado por uma vibrante exaltação nervosa que agita as opiniões num giro bezoante de ventoinhas e dá, nos casos mais graves, às atitudes o traço anormal dominante nas do louco puro ou do patife sem mistura.

Assim, é de ver que se o colono não pratica metòdicamente os deveres urgentes da hygiene defensiva, magna condição do viver em Africa, e se a sua actividade se exercita fóra das barreiras da disciplina moral, sem as quais a social é uma fábula; se, como sóe dizer-se às vezes, o *estar em Africa* vale o mesmo que estar livre de escrúpulos, todas as virtudes coloniais que referi são afogadas pelo *ca-fard*, pela *colonite* que surde então encoscorada, a psicóse assume proporções definitivamente destruidoras, e o clima torna-se o pretexto passa-culpas das mariolices de maior ou menor monta!

E' por isto que ainda hoje ando na convicção de que nas colónias, a apostoli-sação moral do branco é

tava, era verberado o haverem sido queimadas, em certa cidade do Brasil, as casas de subditos alemães. Que nenhum país hóstil à Alemanha cometera tais violencias — causticava eu e concordavam todos, que no entanto não tinhamos reparado, entre os presentes, num brasileiro.

— Ora essa! Ora essa! — volveu este. *E' do quilima*, seu moço, é do *quilima!*

Fevereiro de 1928.

Francisco Veloso.



VIZEU — Corporação dos Bombeiros Voluntarios agora condecorada
com o grande cavaleiro de Torre e Espada

(Fot. Alipio Vicente)

NOVE DE ABRIL -- A chama da Pátria

O dia nove de Abril, registado nos anais da história portuguesa por um feito da Flandres, é uma data nacional, e nós entretecemos com ela a comemoração do soldado desconhecido,

o seu anónimo herói, símbolo da bravura dos seus guerreiros.

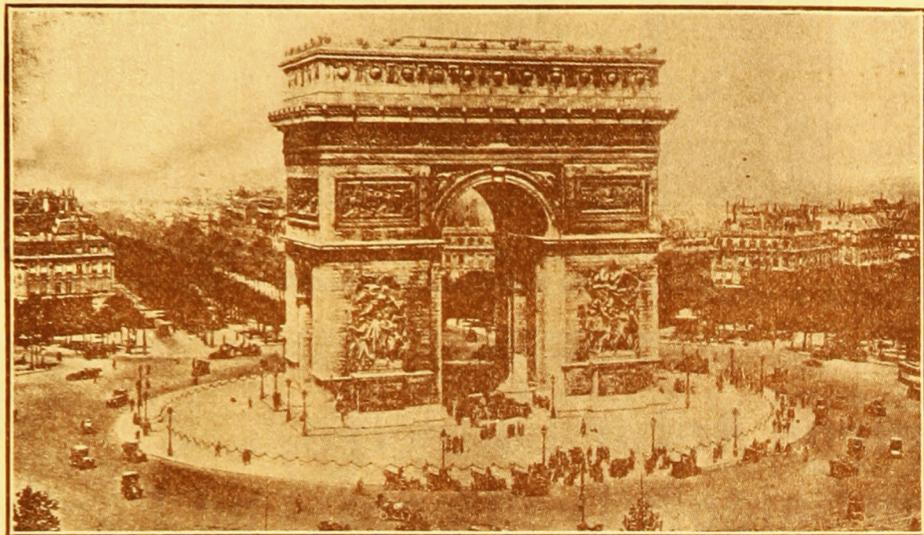
Portugal escolheu, para última jazida do seu Soldado desconhecido, o Mosteiro da Batalha, e ali piedosamente acendeu uma luz cândida de um candelabro de ferro. Luz bendita de alminhas, alimentada de azeite doirado dos nossos olivais. Nenhum lugar mais adequado que esse recinto glorioso, nenhuma homenagem mais apropriada.

*

Este ano vai efectuar-se em nove de Abril uma interessante prova desportiva corrida de estafetas militares entre a Batalha e o Porto. Não é o momento

agora de entrar na pormenorização desta corrida, nas suas várias disposições de tecnica. Apenas queremos frisar um pormenor interessantíssimo; as equipas partirão da Batalha e acenderão na «Chama da Pátria» um facho que transportarão no percurso, até ao Porto.

Delicada e significativa lembrança. Que a «Chama da Pátria» se reacenda e suba mais alto, mais alto, incendiando suavemente os corações de todos os



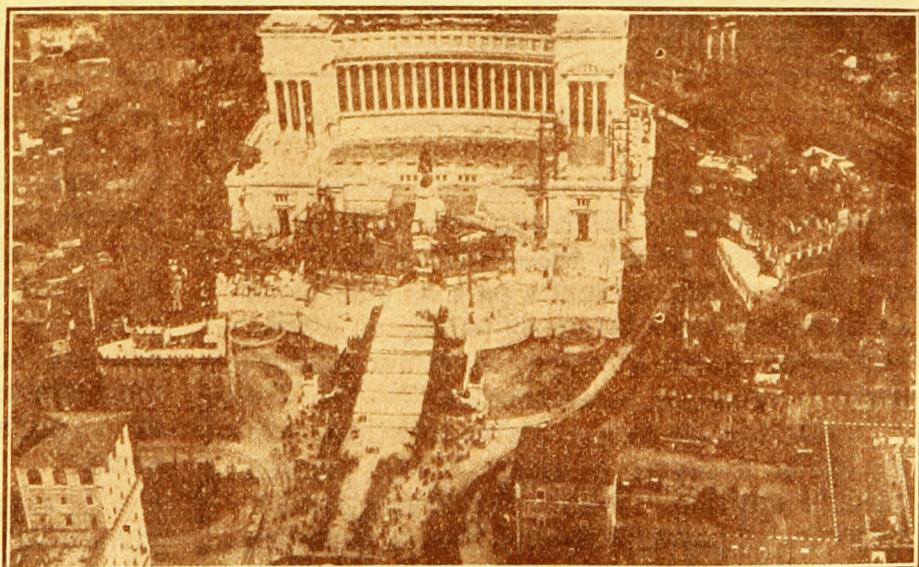
PARIS — O Arco de Triunfo, sob o qual repousa o soldado desconhecido francês

que o mesmo é dizer a comemoração do valor anónimo da raça portuguesa. E bem escolhido foi o dia, que enlutado pelo sacrifício de tantos compatriotas nossos, está engrinaldado também pela glória conquistada por aqueles bravos que souberam cumprir o seu dever.

Todas as nações que andaram nos perigos da guerra teem feito com maior ou menor brilhantismo, a comemoração do seu soldado desconhecido, concretizando nele a homenagem ao valor, à generosidade, ao sacrifício cruento dos seus filhos, vítimas imbeles dadas em holocausto à Pátria.

A França que tinha na cidade de Paris um famoso Arco de Triunfo, adaptou-o a túmulo do seu Herói. E' sob êsse Arco que as multidões francesas passam em reverencia ao desconhecido guerreiro.

Itália construiu um suntuoso mausoléu para recolher

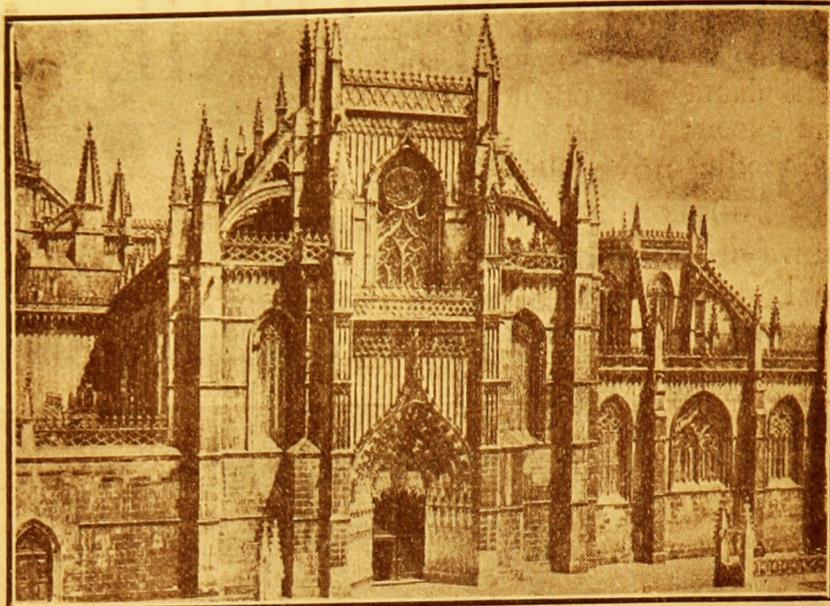


ROMA — Monumento italiano ao Soldado desconhecido

portugueses. E reflectindo-se sob as arcarias góticas dos templos cristãos, seja uma prece eterna, a prece da alma da Raça a subir ininterrupta, mixto de oração suplicante, de eucaristia de luz e de canto triunfal, até ao trono de Deus.

*

Nove de Abril. Canto de triunfo e de gloria. Ressoa através dos tempos o nome da Patria, aureolada com o sacrificio dos herois. Que os portugueses saibam imitar o seu exemplo de valor e abnegação.

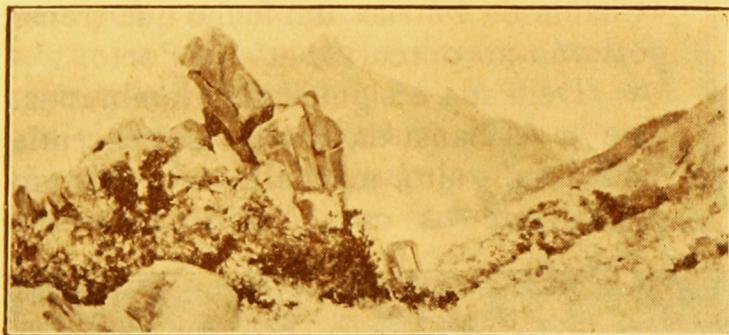


MOSTEIRO DA BATALHA. — Conserva-se nos seus claustros a Campa do soldado desconhecido português.



Exposição de quadros Artur Loureiro no Salão Silva Porto -- no Porto

Artur Loureiro é um nome. Um grande nome que se impõe à admiração e consagração de todos quantos tem, pela Arte Pintural, aquela veneração que ela mereceu ter. E, não só para estes, mas, para todos quantos tem pela terra portuguesa um verdadeiro culto.



GEREZ — Artur Loureiro

Artur Loureiro, o artista consumado, que tão belos trabalhos nos tem apresentado, como nenhum outro pintor, tem atravessado o país de norte a sul, colhendo para as suas telas as interessantes e formosas paisagens e suas vinhas do nosso Portugal, como um colecionador ferrenho de preciosidades.

Homem de largas vistas artísticas, não se limita a copiar a natureza num âmbito curto e restricto. Não! Vai de longada por essas terras portuguesas em fóra, a pintá-las, com aquela pujança e com aquela consciência e sciência, que só têm aqueles que o gé-

nio impulsiona a produzirem obras de verdadeira Arte.

Loureiro, embora não seja um novo e seja um homem doente e alquebrado, tem um tal poder de energia artística (deixem-me assim dizer) que as suas telas tem a pujança, a gracilidade, e a leveza de um jóven. Ele pinta, com a alma enlevada na natureza, essa mesma natureza, com uma verdade e um poder de execução, que nós, ao contemplar-mos-lhe as suas telas, ficamos extasiados, como diante dessas mesmas paisagens vividas e reais.

Nesta sua última exposição, agora aberta a consagração do público amador de pintura e à gloriificação da crítica sincera, verdadeira e leal, Artur Loureiro, apresenta-nos páginas admiráveis desse poema silvestre e montanhoso que é Serra do Gerez.

Ante a sua obra Geresiana, eu quedei-me absorto e assombrado, diante de cada quadro, recordando os dias, que eu ânos successivos, ali passei, quando das minhas curas da hypetrofia do figado, de que tanto sofri, e de que me curei, não só pelo affecto benéfico das suas águas maravilhosas e santas, mas tambem pelo beneficio que obtive do ar magnifico e puro que se respira n'aquelas senas,

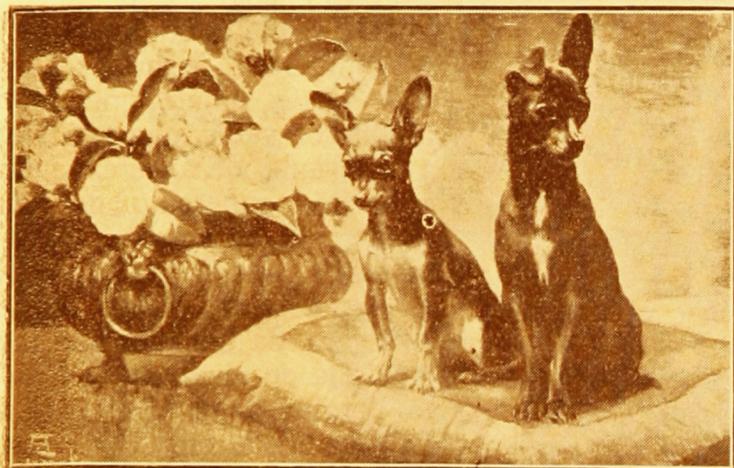
E esse ar benéfico, esse ether tonico e vivificador ali o encontrei eu sem o sentir, espalhado pelos belos quadros do grande mestre.

Como me senti bem, como me consolei exproando a vista por todas aquellas telas, entre sonhando que era no proprio Gerez que eu me encontrava, tal a verdade e a justeza com que ellas estão feitas.

* * *

Para quem não conhecer a região geresiana, e tiver interesse em a conhecer em todos os seus variadissimos aspectos, se se der ao cuidado de ir vizitar a exposição Artur Loureiro, ficará a conhecê-la perfeitamente bem, fazendo a ideia clara, nítida e precisa da sua grandiosidade e da sua múltipla variedade em coloridos e tons.

Se me fôsse dado poder dispôr de muito espaço, para expandir, como tanto deseja o meu pensamento, como me seria grato fazer a apologia crítica dos quadros, um a um,



CÃES DE ESTIMAÇÃO — Artur Loureiro

ilustrando-a com as gravuras dos mesmos; um poema em honra dessa soberba serra que Loureiro soube pintar magistralmente em retalhos adoráveis, cheios de luz, de côr, de sentimento e de verdade, como êle sabe pintar todos os seus quadros... com honestidade, consciência e talento.

* * *

Mas, a Exposição Artur Loureiro, não é apenas a glorificação do Gerez, como natureza. E' um verdadeiro certamen, onde a par da paisagem, há maravilha, flôres, figura e animais.

Se o mestre é grande quando pinta a paisagem, não o é menos quando faz as flôres ou a figura.

Mas, quando êle toca, para mim a culminância artística, é quando pinta os animais.

* * *

Entre os quadros que Artur Loureiro depõe, há três d'este género, que se eu os não

citasse ao dar esta nota das minhas impressões, cometeria um crime de lesa-Arte.

Para não o cometer pois, dir-vos-hei quais êles são.

PÃO POLÍTICO (Ratos) — VÍTIMA DE UM DESASTRE (Pintaínho morto) — UM GUARDA (Bul-dog).

Qualquer d'estes é flagrante de verdade, precisão e de perfeição.

No *pintaínho morto*, a penugem amarela e macia é de tal modo pintada que nos dá a tentação de passar-lhe a mão por cima para ficar bem certo que o que ali está é verdadeira penugem.

Os ratos do pão político, são verdadeiros ratos, roendo a códea e o miolo do pão, a que estão agarrados.

A's vezes parece mesmo, que êles, timoratos, como são, lançam para nós os olhitos vivos e finos e vão fugir para algum buraco, com medo que lhe façamos mal.

Mas o que é profundamente verdadeiro e impressionante é um *bul-dog* deitado, mas de olho aberto e observador, um pouco ensanguentado, um bul-dog dos que agarrado às nossas canelas não nos deixaria dar mais um passo.

Quando entrei no salão da exposição, os meus olhos foram cair no quadro do cão, e declaro que uma fôrça oculta me levou até em frente dele, como atraído magnéticamente pelo olhar movediço, e quiçá agressivo daquele animal.

Aproximei-me rápido, mas, recuei um passo atrás, porque teve a impressão de que êle, ao ver-me aproximar com tal velocidade me rosnou, preventivamente, para que me não chegasse mais.

E' apenas assombroso!... Aquela tela não envergonharia a assinatura do maior pintor de animais, com fama mundial.

Não posso explicar-vos o que senti diante d'este quadro, mas o que posso dizer é que enquanto estive na exposição, sete vezes me quedei, embebecido na contemplação d'esse assombroso trabalho. E, que antes de me vir embora, dei ao grande artista e meu velho amigo um apertado abraço de muita admiração, não deixando de num aperto de mão, ao comprador do quadro dizer-lhe; Dou-lhe os parabens, sinceros, porque com a compra d'este quadro, meu caro senhor, saiu-lhe a sorte grande.

Porque, de facto, o possuir um quadro daquele é quasi como ter na mão, o prêmio grande da loteria do Natal.

ANTONIO DE LEMOS ALVARO.

1928

Março 20

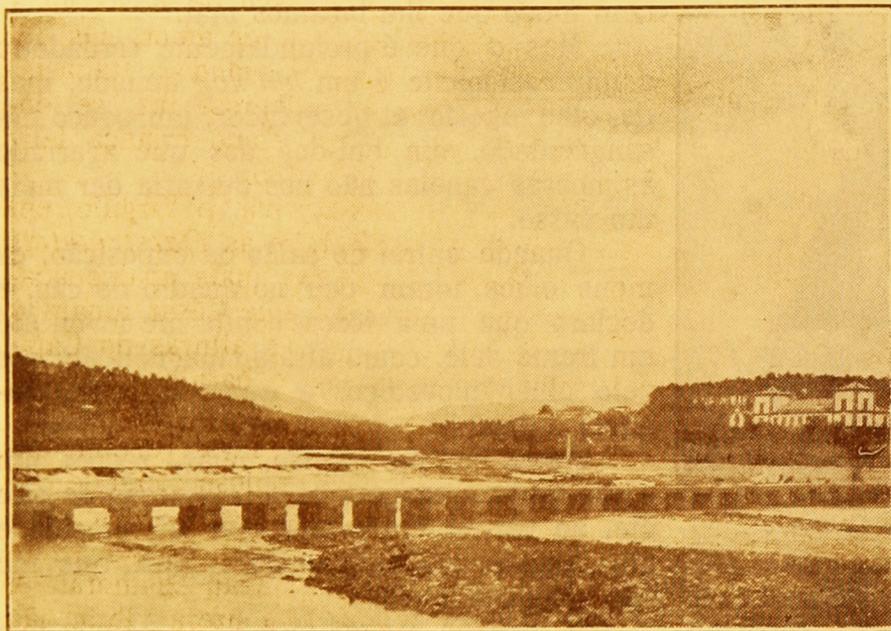
Eu ando, Prima e Senhora, a descobrir Portugal — Terra que eu conhecia apenas atravez do meu coração — eu ando a descobri-la a pouco e pouco, serra a serra, alma a alma, campanário a campanário...

Nesta romagem, um novo descobrimento eu fiz agora. E aqui ao pé da porta, em pleno coração de Entre Douro e Minho!

Acabo de plantar, no Monte de Santa Quitéria o indestructível Padrão da minha descoberta.

Santa Quitéria? Terra de Margaride — uma terra doce para ser visitada pela Páscoa...

De entre as terras da nossa Terra, esta



PRADO (Braga) — Um trecho do Cavado

ficou ocupando no meu espírito um luminoso lugar. Felgueiras é uma vila pequenina: cabe num coração; mas o horizonte que ela domina, desde Santa Quitéria, não tem medida. Os olhos perdem-se nele, maravilhados, cegos de tanta côr que a mão de Deus espalhará.

Versos que eu vou publicando — terras que o meu coração de português vai descobrindo; e Deus me dê vida, Prima e Senhora, até soletrar o Poema inteiro — Portugal!

Dos outros versos que eu escrevo — literatura apenas, quasi sempre — nem lhe falaria; mas estes, que Deus mediu e compoz para a minha alma, havia de levá-los por todo o mundo se tal pudera.

Felgueiras, por exêmplo, é a chave de oiro de um soneto que eu trazia, desde há muito, por fechar...

— « ¡ Terra do pão de ló! » — dirá você,

buscando na minha lambarice a razão do meu enlêvo.

E se eu me zangasse?

*

Um jornal do Porto chamou a êste formoso Monte de Santa Quitéria, que domina e aconchêga Felgueiras — « uma Santa Luzia que é pela sua doçura e pelo seu ar de écloga, um Bom Jesus do Monte em miniatura ».

Apreciação justa. Santa Quitéria é assim. Grandiosa na sua humildade. Modesta, chegadinha à terra cristã. Mas, não subindo mais do que as andorinhas, haviam de invejá-la as águias soberbas do Geréz e da Peneda.

Que vastidão de horisonte! Que estranha e perturbadora a poesia dêste monte que sóbe sem querer subir, que não tem um arreganho de aspereza nem um rasgão sangrento de um *thalweg*! E, no entanto, ergue-se a direito, rápido, fulminante, — com pressa de chegar aonde a Imagem da Senhora que lhe sorri de lá de cima, ou com desejo de alongar os olhos para a paisagem policroma da terra minhôta!

Estou escrevendo sôbre o peitoril duma janela do Hotel de Santa Quitéria. — e nem sei como posso escrever-lhe. Os olhos fogem comigo por aí fóra, comigo se perdem no quadro magnífico que se espria, ondu-

la, — e se afunda afinal na serrania rôxa do poente...

— « ¡ Poesia! » — dirá ainda você, atribuindo às musas inocentes os entusiasmos moços da minha prosa.

Sim? Pois deixe estar que, para outra vez, hei-de castigá-la com uns versos, — mesmo que as Musas gentis da Terra de Felgueiras não hajam a generosidade de perdoar-mos!

TEIXEIRA PINTO.

Santa Quitéria

Março-928.

Um avarento saía de casa do dentista, e um amigo, encontrando-o, perguntou-lhe:

— Que lhe fez o dentista?

— Arrancou-me cinco tostões.

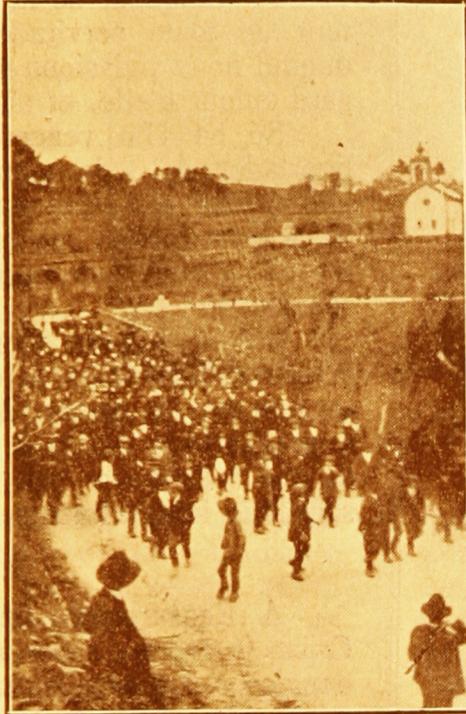
Louvor do Silêncio

O silêncio é irmão da solidão. Viver no silêncio corresponde a viver melhor, mais perto de Deus... No silêncio, torna-se mais nítido o perfil do nosso barro de criaturas pecadoras, e, porque assim é, tornámo-nos mais aptos para o acolhimento amoroso do Verbo em nós.

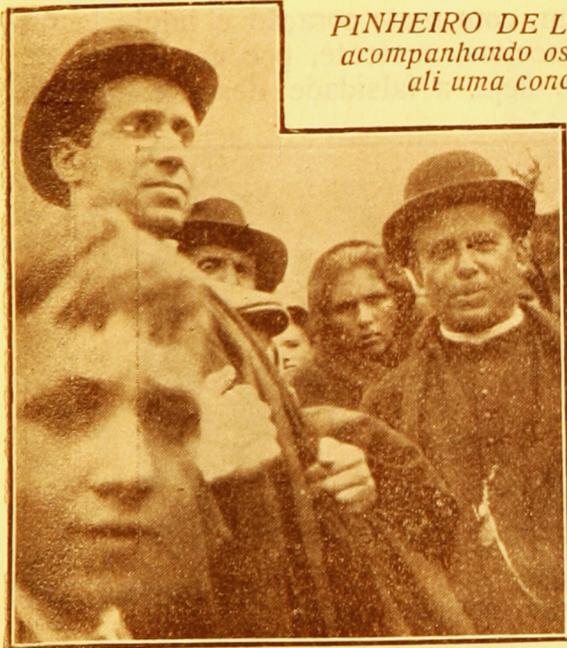
E' no silêncio que o Verbo mais cresce, mais se desenvolve em nós, na nossa alma cheia de ansias imortais, sempre sôfrega de expansibilidades místicas, sempre tendente para a Altura, para o Infinito...

*

* *



PINHEIRO DE LAFÕES — O cortejo acompanhando os padres que fizeram ali uma concorrida missão.



PINHIERO DE LAFÕES — A despedida dos missionarios P.^{es} Henrique Correia e José Marinho

Se os homens não são bons, é porque não ouvem a voz de Deus. E não ouvem a voz de Deus, porque fogem do silêncio. O próprio Deus prefere escutar as nossas pre-

ces, quando Lhe resamos no silêncio dum templo ou dum deserto.

* * *

Para receberem de Jeová a divina inspiração, procuravam os Profetas o maior silêncio. A vida de Cristo é toda de silêncio. Ele mesmo quis consagrar e santificar o silêncio no Jardim das Oliveiras...

A hora mais empolgante da vida heroica de S. Francisco de Assis foi a hora do seu martírio de amor, nas cumeadas do Alverne, quando a Italia inteira, unvida de milagrosa luz, se encontrara tão calada como criança feliz adormecida num berço.

Píndaro, na Beócia, e Virgílio, em Mântua, para criarem as *Odestriunfais* e a *Eneida*, amaram mais apaixonadamente o silêncio do que César amara o rumor alucinante das alturas do Capitólio, na voluptuosa e barulhenta Roma das apoteoses.

Se a gruta de Fingal repetia, em ecos de ouro, o harmonioso canto de Ossian, é porque lá habitava o silêncio.

Não seria por causa do seu silêncio que a gruta de Macau enamorara a alma de Camões e a fizera vibrar tão

maravilhosamente?

A batalha de Valverde, venceu-a Nun'Alvares, porque buscou, no silêncio duma penha ignorada, a protecção de Deus...

Monges e Poetas, os grandes filósofos e os grandes sábios, se os quizermos surpreender na elaboração das obras mais belas do seu génio, vamos perguntar por eles ao silêncio.

As próprias estrelas do céu, que brilham tanto nas mansas e lindas noites de silêncio, parece que fogem com medo, às violências da tempestade... As dores e alegrias supremas são sempre silenciosas...

Viver no silêncio... que ventura!

Devemos, portanto, pedir o silêncio a Deus, como Lhe pedimos pão para a nossa fome e água para a nossa sede...

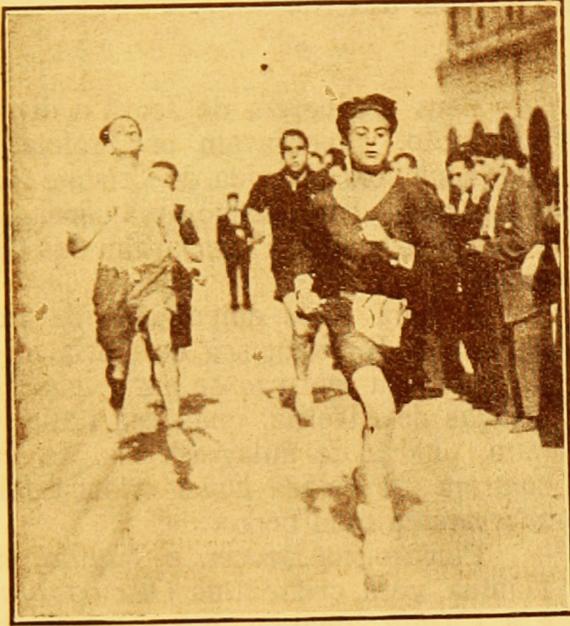
MOREIRA DAS NEVES.



Paixões — Perdoam-se as paixões aos individuos, porém não se perdoam ao poder; porque este representa a lei que não tem paixões.

“SURREXIT DOMINUS VERE, ALLELUIA,,

A FUGENTADA de pronto, como hóspeda peregrina, do nosso espírito, a tristeza com que assistimos à comemoração litúrgica do grande Drama da Redenção (aliás sempre actual), vibremos de íntima alegria, em per-



BILBAO — O vencedor da corrida de 1500 metros, prova da Universidade, no momento decisivo.

feita comunhão com o Ofício pascal, porque o Senhor realmente ressuscitou!

Alegria sobrenaturalizada, sobretudo para aqueles que a receberam com a graça santificante da preceptiva recepção da Euca-

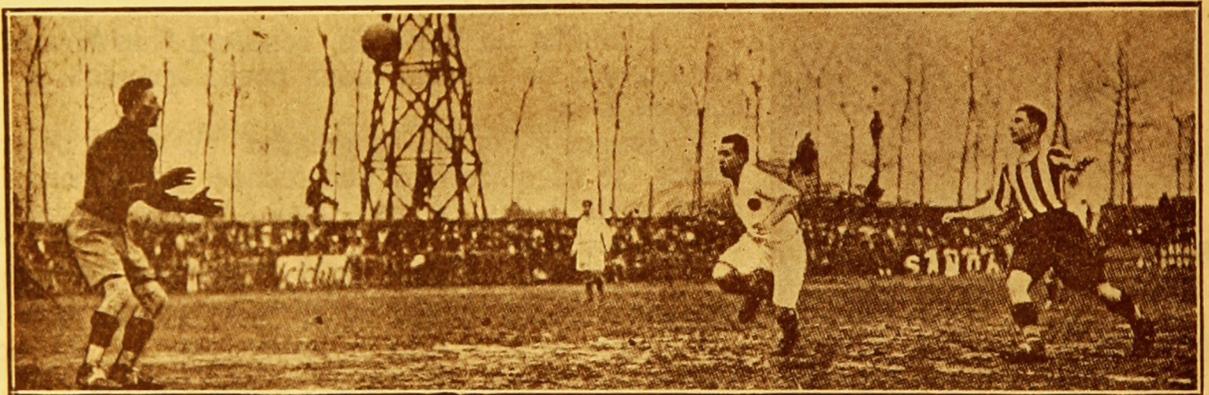
Por isso, sentindo-a em toda a plênitude, Santo Agostinho cantava enternecidamente: «O felix culpa quae talem et tantum meruit habere Redemptorem»! E Jacques Maritain, o intérprete contemporâneo mais abalizado da filosofia tomista, exultando com a tão expressiva liturgia pascal, numa admirável intelectualização do sentimento, o que é privilégio do espírito francês, diz «qu'il y a un seul vainqueur de la mort, un seul libérateur de toute servitude, un seul en le nom duquel nous puissions être sauvés, l'âme regard autour d'elle, et s'interroge elle-même.»

Só ha Um vencedor da morte, Um só libertador de toda a espécie de escravidão, Um só que nos salva na porfiada luta da vida, e que satisfaz plênamente a nossa alma, levando-a num doce recolhimento a gozar de si mesma!

Vibremos, pois, vibremos de íntima alegria, suprindo com êste tão puro e natural sentimento a nossa deficientíssima razão, e pregustando assim a beatitude daquela vida que o Redentor nos fez merecer pelo seu sacrifício integralmente expiatório.

*

A Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo já entrou, a despeito dos esforços tendenciosos das escolas racionalistas, na sólida veridicidade dos factos históricos. Não há hoje quem, com recto coração e intellecto nu de preconceitos, sustente, por um quarto de hora que seja, a falsidade deste estupendo



TORRE LA VEGA — Empatam a 2-2 o Real Madrid e o Gimnástica de Torrelavega. Oportuna defesa do guarda redes Sais contra Moraleda, avançado centro.

ristia, ela é a própria justificação final da existência humana, porque, asserenando o proceloso espírito moderno, pela necessária limitação dos desregrados impulsos objectivos, contém o germe duma felicidade inamissível, a única verdadeira, como já genialmente discorria, através da ilusões da vida, o pai da eloquência latina.

acontecimento histórico, que veio autenticar, num cumprimento exactíssimo das insistentes profecias do Velho Testamento, a divindade de Jesus Cristo, e logo constituir o melhor fundamento da fé dos séculos futuros, consoante diz o Apóstolo das gentes numa das suas epístolas aos coríntios: «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé».

Consideremos, pois, o simples e tocante testemunho do evangelista S. Mateus. Continuando a sua narração, diz-nos que pela tardinha de sábado e ao despontar o dia seguinte (desde então chamado domingo, isto é, dia do Senhor, pois nele ressuscitou) veio

Maria Madalena com a outra Maria (mãe de Tiago) ver o sepulcro. E então houve um violento tremor de terra. Foi que um anjo do Senhor desceu do céu, e aproximando-se revolveu a pedra sepulcral, sentando-se sobre ela, todo resplendente. Atemorizados por esta súbita maravilha sensorial, os guardas caíram por terra como fulminados. O anjo, porém, serenou as santas mulheres dizendo-lhes: «Não temais, sei com efeito que procurais Jesus, que foi crucificado; não está aqui, pois ressuscitou como tinha dito; vinde e vede o lugar onde o Senhor fôra posto;

mas, ponde-vos já a caminho, dissei aos seus discipulos que ressuscitou e que irá adiante de vós para a Galileia, onde o vereis, assim volo notifico antecipadamente». E logo as santas mulheres foram com temor e grande gozo dar parte do que tinham visto e ouvido.

quis naturalmente ratificar pelo tacto o testemunho visual, estendendo as mãos para o Mestre, cuja santidade superabundante não permitia que fôsse tocado: «Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum».

Temos, pois, duas valiosas provas de



MADRID — A artista portuguesa D. Abigail Cruz na sua exposição de rendas, com o Enbaixador de Portugal e varias individualidades espanholas.

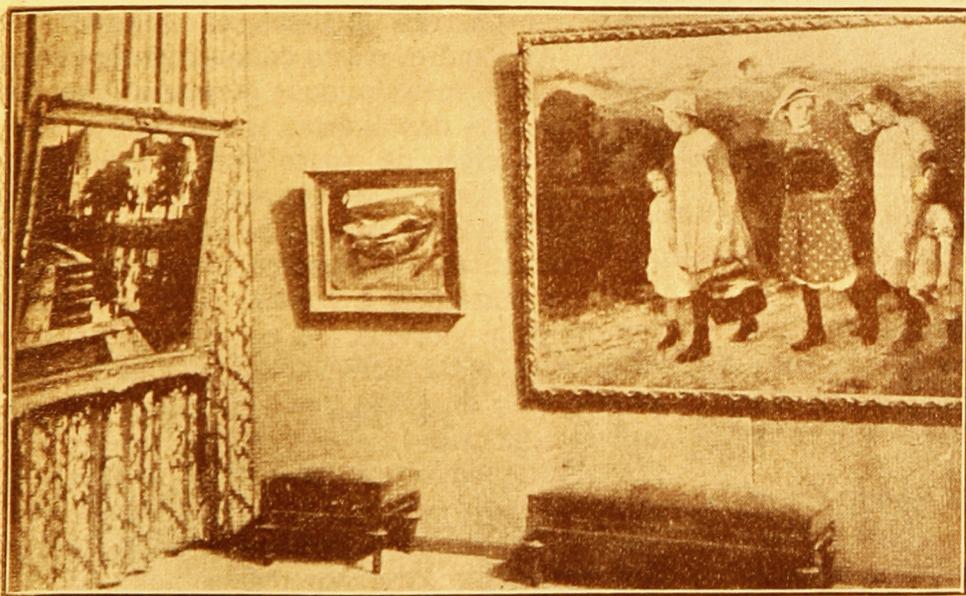
quem não só foi coevo da vida terrena de Jesus Cristo, mas de quem sobretudo com Ele conviveu em vida de perfeita amizade. Estamos em presença de duas testemunhas quase presenciais, o que em matéria histórica é dum altíssimo valor, pela autoridade de que

positivamente devem estar revestidas as suas palavras. Digo quase presenciais porque, se S. Mateus e S. João não viram nem ouviram o facto maravilhoso junto do sepulcro, como as santas mulheres de que nos falamos, a narração por elas feita devia ser tão viva de verdade, que mais fiel no-la não puderam transmitir, se a presenciaram pessoalmente, à parte a fatal impressão dos sentidos.

¿Mas não poderiam essas testemunhas estar sujeitas a perturbações mentais, ou aos logros da imaginação? Certamente a

consciência, sob a acção de mil agentes patológicos, pode degradar-se na clara percepção externa, e a imaginação disforma muitas vezes a realidade objectiva, levando o individuo a ver as cousas de forma diferente do que são.

No caso presente, porém, não há que subsistir tal hipótese, porque a uniformidade



MADRID — Uma interessante exposição de arte belga.

O evangelista S. João, o discípulo amado, pormenoriza um pouco mais este notável facto histórico, contando-nos num tão desartificial como preciso estilo, característica muito típica da Sagrada Escritura, o aparecimento de Jesus, dissimulado em hortelão, a Maria Madalena, que, insofrida no seu amor,

com que os evangelistas narram o aparecimento de Jesus Cristo aos apóstolos, por espaço de quarenta dias, e a exacta congruência do próprio facto com o que séculos antes os profetas anunciavam destemidamente, às vezes com risco da vida, eliminam para logo o falido argumento de influências individuais, quer elas sejam de natureza física, quer sejam de natureza moral. O espírito das testemunhas em questão repousava numa tal simplicidade, própria de quem assiste passivamente à eclosão dum grande acontecimento, que não lhe era possível fantasiar, até sob a intensificação cruel da saúde: devia sofrer como sofre o dos extremamente simples, com a maior resignação.

Da morte de Jesus não pode nutrir-se a mínima duvida, basta ler a narração de S. João, de todas a mais expressiva, e reconstituir, nos seus principais delineamentos, a história da condenação do Redentor, para a sentirmos como epílogo fatal da sua vida



BERLIM — Os reis do Afeganistam no aerodromo, assistem ao desfile de uma esquadilha de aviação.

messiânica. A pretendida letargia em que Jesus teria caído nos paroxismos (!) do sofrimento, só pode imputar-se a uma malignidade de coração requintadamente desumana, sobre ser estupidez rematada.

O racionalismo, querendo sujeitar toda a realidade ao exíguo domínio da razão, além de afirmar implicitamente o sobrenatural, truncava miseravelmente os processos críticos rejeitando a sua existência, só porque se não compreende! Tal foi o erro cometido por Renan e Strauss, para só citar os principais pseudo-críticos da Vida de Jesus. De Renan já oportunamente disse a formal retraction, contida na sua afirmativa de que entre Jesus Cristo e Deus não há nenhuma diferença. Strauss podia ter dito como Taine, abdicando um pouco do orgulho que nos é

próprio: «A minha geração findou». E' já hoje consolador opor a estes espíritos, que foram dissecar as letras sagradas eivadas de preconceitos científicos, a clara e desassombrada afirmação de René Bazin, director da Academia Francesa, a qual foi feita em 1913, vésperas da grande guerra: «Estas almas (católicas) são anunciadoras. Através de cada uma delas eu vejo transparecer uma imagem, a do Mestre que trouxe à terra a caridade, e que eu, com milhões de vivos e bilhões de mortos, tenho a alegria de nomear: Nosso Senhor Jesus Cristo». E assim a nata da mentalidade humana afirmava uma fé inquebrantável que a guerra viria aumentar, na divindade de Jesus, de que a Ressurreição é a prova mais fidedigna.

E' mister juntar a este bosquejo, com que tentei resumir a crítica histórica do grande facto que agora a Igreja solenissimamente comemora, aquela prova muito flagrante e por isso assaz consabida — de que os Príncipes dos sacerdotes peitaram os guardas que tinham pedido a Pilato para guardarem o sepulcro, ordenando-lhes que dissessem terem os discípulos vindo de noite, enquanto dormiam, roubar o Corpo!!! Estranho sono este que não cedeu ao estrépito que fatalmente produzia a remoção da pedra opercular, só lhe é comparável o sono da morte!!! E' caso para se dizer «ad hoc» que foi pior a emenda que o soneto.

Fasto histórico tão plaurível como as guerras médicas, ou o império de Alexandre, ou as conquistas de César, ou a invasão dos germanos, ou as nossas descobertas marítimas, a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo é penhor certíssimo da ressurreição dos nossos corpos, saídos da podridão tumular, refulgentes, imponderáveis, impassíveis e subtis, para fruirem a

imortalidade gloriosa, se ao menos, por ocasião desta festa soleníssima, ressuscitarmos para a vida da graça, pelo cumprimento do preceito pascal.

Erguendo, pois, o espírito acima das mesquindades deste mundo, alegremo-nos com a liturgia, em impulsos aleluíticos, porque realmente o Senhor ressuscitou:

«Surrexit Dominus vere, alleluia».

ANTÓNIO MENESES.

Os reis são mais pobres que os vassallos. Não é mais pobre quem tem menos, senão quem necessita de mais. E ninguém tem mais necessidade, nem maiores necessidades que os reis.

NO PAÍS DO FRIO

Foi o inverno passado muito fértil nas, já agora famosas, ondas de frio. Anunciou a

E', como se vê um frio perfeitamente siberiano, em uma latitude a que na Europa corresponde um clima temperado.

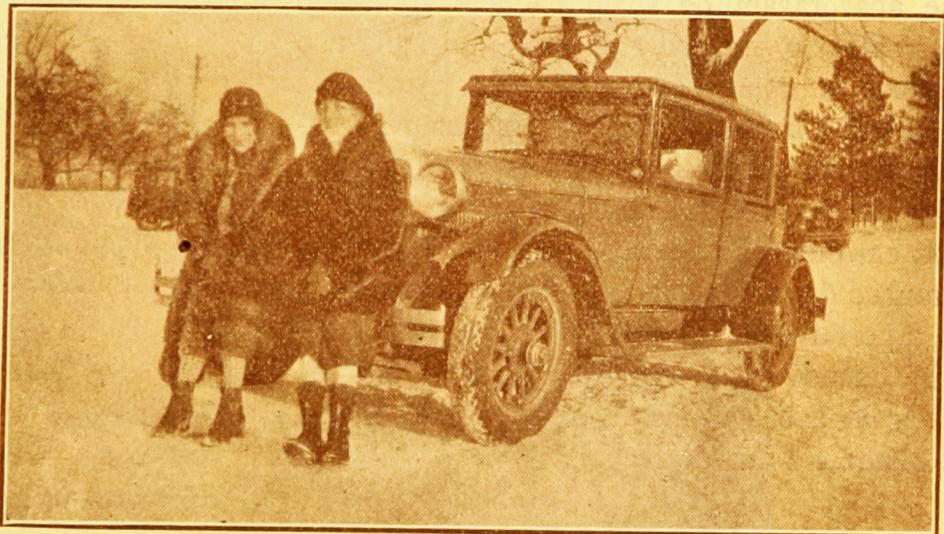


CANADÁ — Desportos sobre a neve.

imprensa fartamente o advento de tais ondas e com muita razão.

As gravuras dizem respeito às grandes nevadas em Toronto, Canadá, a terra classica do frio.

Bom é saber-se que em um pararelo que é aproximadamente o nosso, a neve cobriu inteiramente o solo; e um pouco mais ao norte, nas montanhas de Quebec, o termómetro baixou à respeitável cifra de 42.º abaixo de zero.



CANADÁ — Em pleno gêlo



CANADÁ — Nevadas do inverno. Família em passeio

O benéfico *Gulf-Stream* torna habitáveis muitas regiões europeias, que seriam, sem êle, frigidíssimas. Assim a América concorre para o bem estranho, sem poder aproveitar o benefício.

Conquanto o Canadá tenha, e com justiça, a fama de ser uma das mais belas regiões do globo, podemos contestar-lhe a opinião de ter existido lá o paraíso. Adão e Eva não o agüentariam... ao menos no inverno.

PENSAMENTO

Na perda duma batalha arrisca-se um exercito, na perda da opinião arrisca-se um reino; e assim o que mais se deve receiar é a opinião. Ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro, diz Cristo. Servir a Deus com o dinheiro, bem pode ser, e é bem que seja; mas servir a Deus e ao dinheiro juntamente, é impossivel.

A VOCAÇÃO DA MADALENA

I

Vinha a despontar o sol das bandas do Mar Morto. Sem ondas, a sua superficie de espelho fosco reflectia os roseos fulgores da aurora, e os montes visinhos carminavam-se brandamente aos seus fulgores.

As cristas do Libano, brilhavam na luz matutina, os seus cedros anosos vicejavam de seiva primaveril. Por toda a margem do Jordão os lírios abriam a perfumada corola. Os juncos bravios rumorejavam uma canção subtil ao compasso da auras que beijavam as águas de Genezareth e se entretinham nos castanhos cabelos das moças nazarenas que na ante-manhã corriam à fonte a tirar água que bastasse ao seu labor diario.

Jerusalem despertava de um sono fatigado, cortado de pesadelos. Os terrores do Parasceve oprimiam, como oprimem os remorsos, o povo deicida. Ainda os corações se apavoravam de susto naquele tremendo terremoto e medonho eclipse que agitara o mundo e entenebrecera o ceu. Ainda os olhos dos hebreus reviam, como na recordação de um pesadelo, os mortos, erguidos das campas do vale de Josafat, e correndo envoltos em brancos sudarios, porque até nas entranhas da terra ecoara o bramido dos mares, e a perturbação dos elementos se fizera sentir, quando o centurião fizera no cume do Golgota a sua profissão de fé: Este era na verdade o Filho de Deus.

II

Vinha a despontar o sol das bandas do Mar Morto. E de novo a terra tremeu; não com a convulsão apavorada da ante-vespera, mas como o anseio de ternissima Esposa que estremece de jubilo ao ver aproximar-se o candido objecto dos seus amores...

E pela encosta do Calvario, até ao horto cuidado onde havia um sepulcro alvinitente, subia, com um vaso alabastrino a competir candura com as mãos rosadas que o sustentavam, Maria Madalena, a virgem e suavissima companheira da pregação de Jesus, primor de graça e de innocencia, simbolo o mais perfeito da mistica cristã.

Mas, ah! que era vazio o Sepulcro, e ela não sabia onde o Senhor estava.

8

Eis surge ante seus olhos formoso hortelão ocupado em alindar os canteiros onde florescem violetas de humildade, cecens de pureza, rosas de caridade a mais ardente...

— Senhor, se tu o tirastes, dize-me onde o pozeste!...

III

E ao grito de amorosa ternura e celico anciedade, o Hortelão divino apenas respondeu:

— Maria!

Ao proferido nome ela reconheceu aquelle que a chamava, e jubilosa caíu a seus pés, para beija-los gritando todo o amor que lhe abrazava o peito nesta suprema invocação: — O' Mestre!

— Não me toques, que não subi ainda para o Pai. Mas vai dizer a meus irmãos que sou Ressuscitado.

IV

E nos resplendores roseos da madrugada a virginal Maria Madalena, sentiu-se unvida da divina graça, enviada para evangelizadora da mais bela Boa Nova que os seculos ouviram.

E viu em rapido perpassar todos os seculos, e todos os povos da terra, o negro etiope, e o bronzeado malaio, o amarelo nipão e o vermelho americano, todos os povos e todas as gentes que são misticos irmãos de Jesus Cristo.

— A estes, Senhor, hei de ir dizer que vós ressuscitastes? Como posso eu, em breves anos de terrena vida, anunciar a todo o mundo a vossa Ressurreição?

— Não temas! A' tua imitação farei correr o mundo alvas nuncias de paz; e nas mais afastadas terras erguerão o simbolo da minha Cruz, e me renderão todos os reinos, e anunciarão meu nome a todos os povos.

— E quem ha-de, Senhor, completar a missão que as minhas forças não poderão cumprir? Quem irá dizer a vossos irmãos de tantas plagas a Boa Nova da vossa Ressurreição?

— Portugal!

9